

Tomás de Aquino e as múltiplas manifestações do verbo

Ivanaldo Santos¹

Resumo: O objetivo desse artigo é apresentar e analisar as múltiplas manifestações do verbo na *Questão disputada sobre o verbo* de Tomás de Aquino. Em pleno século XIII Tomás de Aquino realizou uma reflexão sofisticada ao demonstrar as múltiplas manifestações do verbo. Para ele o verbo não é apenas uma estrutura interna do sistema frasal, mas está ligado a relação homem-Deus e com a dimensão ética da linguagem.

Palavras Chave: Tomás de Aquino. Verbo. Manifestações.

Thomas Aquinas and the multiple manifestations of the verb

Abstract: The aim of this paper is to present and analyze the multiple manifestations of the verb on Thomas Aquinas' *Quaestiones Disputate de Potentia Dei*. In the middle of the thirteenth century Thomas Aquinas held to reflect the sophisticated demonstration of the multiple manifestations of the verb. For him the word is not just an internal structure of sentence system, but it is linked with the man-God and the ethical dimension of language.

Keywords: Thomas Aquinas. Word. Manifestations.

Desde a Grécia antiga que a filosofia debate e discute sobre o conceito, as funções e as formas do verbo. Se há um problema que é recorrente dentro do saber filosófico – e especificamente da filosofia da linguagem e dos estudos linguísticos – é o verbo. Trata-se de um desses problemas que, à primeira vista, sabe-se a resposta, criticam-se os postulados clássicos e coisas semelhantes; mas, num segundo momento, de amadurecimento epistêmico, o problema mostra-se mais profundo e, por isso, necessita de um salutar retorno ao pensamento clássico.

Não se trata de negar a grande pesquisa em torno do verbo que vem sendo realizada nas últimas décadas. Uma pesquisa que simultaneamente tem revisitado as clássicas categorizações do verbo. Por exemplo, Abraçado (2001) demonstra as clássicas discussões sobre o verbo, a pesquisa de Aranha (2005) tem demonstrado a possibilidade analítica do verbo, já a pesquisa realizada por Avelar (2006) apresenta novas possibilidades de (des)uso do verbo. Essas pesquisas demonstram que o verbo é um ente linguístico vivo e que está se movendo tanto dentro das estruturas socioculturais como das pesquisas acadêmicas.

No entanto, é impossível apresentar todas as pesquisas e possibilidades de reflexão filosófica sobre o verbo. Por causa disso optou-se por construir um estreitamento temático, ou seja, será apresentada a perspectiva de um dos maiores pensadores da humanidade sobre a problemática do verbo. Trata-se de Tomás de Aquino.

Assim, o objetivo desse artigo é apresentar e analisar as múltiplas manifestações do verbo na *Questão disputada sobre o verbo* de Tomás de Aquino. A

¹ Pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem da UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

título de esclarecimento, afirma-se que o presente artigo teve como aporte teórico a tradução do texto tomístico realizada diretamente do original em latim pelo Dr. Jean Lauand, professor sênior da Universidade de São Paulo.

Tomás de Aquino é um filósofo do século XIII, muito conhecido por desenvolver uma rica reflexão filosófica sobre a existência de Deus e outros temas metafísicos. Por causa disso, em grande medida, ele ficou conhecido como um pensador metafísico. No entanto, a obra filosófica de Tomás de Aquino não se esgota na metafísica. Trata-se de uma obra extremamente profunda e carregada de problemas teóricos que nortearam o pensamento do Ocidente nos últimos oito séculos. Por causa disso pesquisadores, como, por exemplo, Brasa Díez (1976) e Roig Gironella (1972), afirmam que existe na obra do Aquinate uma verdadeira reflexão filosófica sobre a linguagem. Uma reflexão compatível e que, em alguns casos, até mesmo antecipou o giro linguístico que ocorreu no século XX.

Não se pode negar a dimensão metafísica presente em Tomás de Aquino. No entanto, também não se pode reduzi-lo a essa dimensão. Ele é acima de tudo um pensador da humanidade e, por conseguinte, se preocupa com diversos temas de interesse humanístico, como é o caso da linguagem. Esse é um dos motivos de Blanche (2001, p. 13) afirmar que há uma “língua de Santo Tomás”, ou seja, o Aquinate não desenvolveu um idioma próprio, uma espécie de linguagem secreta que apenas poucos interpretes teriam acesso, mas seus temas são tão amplos, abordam a diversidade de problemas humanos, que é possível dizer figuradamente que há uma *língua* em sua obra.

Um exemplo dessa vastidão é a *Questão disputada sobre o verbo*.

De acordo com Lauand (cf. 2011, p. 299), a *Questão disputada sobre o verbo* refere-se à teologia trinitária e está associada ao verbo. Sobre esse assunto, o próprio Tomás deixa claro que o “verbo se aplica a toda a Trindade” (2011a, p. 327) e, por isso, a discussão “convém às três pessoas” (2011a, p. 333) da Santíssima Trindade que está contido no Prólogo do Evangelho de São João, onde está contido a famosa sentença que diz: “E o verbo se fez carne” (Jo 1, 14). Sem contar que em Jo 1, 3 é afirmado que “tudo foi feito pelo verbo”.

Diante da própria discussão realizada pelo Aquinate, afirma-se que, num primeiro momento, a *Questão disputada sobre o verbo* trata de um tema metafísico, ligado à teologia cristã. No entanto, num segundo momento, trata de um problema filosófico linguístico. O Aquinate (cf. 2011a, p. 305) coloca a relação entre o signo, o verbo e o intelecto como sendo uma relação necessária para a compreensão da dimensão metafísica que envolve a Santíssima Trindade. De acordo com ele trata-se de uma relação exterior a Trindade, mas que envolve a sua dimensão linguística. Ele dá o exemplo da garrafa de vinho. A garrafa tem um rótulo e o conteúdo, o qual é o vinho. A Trindade é o próprio vinho, mas o rótulo é a relação signo, verbo e intelecto que vai refletir sobre a Trindade.

É por causa disso que, logo no início da *Questão disputada sobre o verbo*, Tomás de Aquino (cf. 2011a, p. 301) afirma que há um duplo sentido na problemática filosófica do verbo. O sentido interior, místico e metafísico. E o sentido exterior, linguístico e filosófico. No entanto, na perspectiva do Aquinate, esses dois sentidos se complementam formando, com isso, as múltiplas manifestações do verbo.

Inicialmente Tomás de Aquino conceitua a vocábulo *verbo* (*verbum*) como sendo a palavra que “manifesta as coisas” (2011a, p. 309). Ele encontra fundamento para esse conceito no Apóstolo Paulo, quando diz que Deus tudo sustenta com o “verbo do seu poder” (Hb 1, 3). De certa forma o Apóstolo Paulo aponta que Deus,

que é perfeito, sustenta a realidade por meio da linguagem. Esse argumento paulino é a base do conceito tomístico de *verbo*.

Sobre o conceito de verbo o próprio Tomás afirma:

O conceito de verbo não requer que o ato do intelecto que tem seu termo no verbo interior se produza discursivamente, envolvendo raciocínio, mas é suficiente que, de qualquer modo, haja conhecimento pelo ato do intelecto. Como para nós frequentemente o dizer interior está associado a procedimentos discursivos, João Damasceno e Anselmo definiram o verbo em termos de “raciocínio” em vez de “consideração” (AQUINO, 2011a, p. 315).

A partir daí Tomás (cf. 2011a, p. 311) demonstra que há o *verbo vocal*, ou seja, o uso cotidiano que as pessoas fazem do verbo, afinal uma marca do ser humano é a fala e a comunicação. Além disso, há o *verbo interior*, isto é, a Trindade. Entretanto, o homem só pode pensar e refletir sobre a Trindade, mesmo que essa reflexão não alcance a perfeição de Deus, a partir do verbo vocal. Para o Aquinate a constituição bioontológica do homem, uma espécie essencialmente da linguagem, proporciona-lhe maior aptidão para a reflexão linguística. Uma prova disso, segundo ele, é que na espécie humana é muito mais fácil usar o verbo “para se manifestar o outro” (2011[a], p. 317). Por exemplo, na espécie humana é mais fácil usar um verbo para chamar uma pessoa ou ter outro tipo de comunicação do que ficar fazendo gestos, imitações e outros movimentos típicos dos animais.

Tomás de Aquino apresenta uma visão tradicional da relação entre o verbo e as formações gramaticais. É sempre bom frisar que se trata de um pensador do século XIII e não de um linguísta do XX ou XXI. De acordo com o Aquinate (cf. 2011a, p. 309) o verbo é a parte central de uma oração e, por sua vez, configura o substantivo. É pelo verbo que se manifesta as outras partes da oração e por ele se torna inteligível o substantivo. Ele deixa claro que o “significado é estabelecido por convenção” (2011a, p. 311), ou seja, está associado às condições socioculturais. No entanto, não se pode ficar mudando constantemente e eternamente o significado de um verbo. Isso acontece porque é preciso, dentro da sociedade, estabelecer a comunicação, a regularidade e a ordem linguística. Sem isso a vida humana tende a ser um caos. Por isso o significado de um verbo é mutável, mas não ao bel-prazer do indivíduo. Quem determina as mudanças, ao longo dos séculos, na estrutura do significado é a sociedade e a cultura.

Além disso, ele (cf. 2011a, p. 329) enfatiza que no verbo, no intelecto humano, há dois pontos que devem ser considerados: 1) Que seja entendido. Um verbo que, ao ser pronunciado não provoca entendimento, é uma palavra vazia, sem sentido. Grande parte da relação compreensão-significação é dada pelo processo de entendimento. 2) Que seja expressão para outra coisa. O verbo é essencialmente palavra, nome. É uma palavra que expressa algo, que personifica algum objeto, sentimento, pessoa e outra coisa.

Por causa disso, o Aquinate afirma que o verbo não é a verdade ou possuidor da verdade, mas é um portador dela, pois “uma coisa se diz verdadeira na medida e que imita o exemplar que está no verbo” (2011a, p. 371).

Sem contar que o verbo, enquanto elemento linguístico central na frase, é essencial para determinar a verdade dos componentes frasais. Sobre essa questão o próprio Aquinate afirma:

Quando se pergunta, então, se as coisas são mais verdadeiras em si mesmas do que o verbo, deve-se distinguir, porque a expressão “mais verdadeiras” pode designar a verdade da coisa ou a verdade da

predicação. Se designa a verdade da coisa, então sem súvida é maior a verdade da coisa no verbo do que nela mesma, se, porém designa a verdade da predicação, então é o contrário, pois homem se predica com mais verdade da coisa que existe na própria natureza do que da que existe no verbo, e isto não por um defeito do verbo, mas pela sua supereminência. (AQUINO, 2011a, p. 371; 373).

Para ele o verbo deve, num primeiro plano, indicar a própria verdade do verbo. Se o verbo é falso, dentro de uma construção frasal, então o verbo não é o verbo. Num segundo plano é preciso que o verbo estabeleça a verdade dos outros elementos da frase. Se, por exemplo, o componente frasal é um predicado ou um adjetivo, isso ficará, em grande medida, a cargo do verbo.

Por isso ele (cf. 2011a, p. 377) indica que há dois modos no verbo.

O primeiro modo é aquilo que o verbo conhece ou pode ser conhecido. Por exemplo, o verbo pode conhecer ou indicar um objeto, uma pessoa ou um sentimento. Como o próprio Tomás indica o verbo não possui o “saber universal” (2011a, p. 329). Se o verbo contivesse o saber universal, o saber em si, seria preciso apenas o verbo para haver toda a comunicação humana e, por conseguinte, o ser humano já estaria bem perto da perfeição. Todas as estruturas sintáticas, lexicais e demais manifestações da linguagem seriam desnecessárias. O problema é que o ser humano está muito longe de tamanho acontecimento. O homem é uma espécie que necessita de todo apoio linguístico, logo necessita do verbo e das demais estruturas linguísticas.

O segundo modo é a dimensão pragmática do verbo. Nas palavras do Aquinate: “tudo o que é dito com algum verbo se dirige de algum modo à execução porque com a palavra (*verbum*) movemos os outros a agir e ordenamos que se execute o que com a mente concebemos” (2011a, p. 377). Tomás de Aquino, em pleno século XIII, propunha a relação entre o verbo e a ação. Para ele o verbo é uma estrutura linguística sofisticada capaz de fazer a transposição do conteúdo que está apenas na mente humana para a dimensão da prática, do fazer empírico. Em Tomás, mesmo que de forma rudimentar, já se encontra a pragmática linguística. Ele percebeu a relação entre a palavra, que nesse caso é identificada com o verbo, e a prática oito séculos antes de pensadores, como, por exemplo, Ludwig Wittgenstein, John Searl e John Langshaw Austin terem desenvolvido suas teorias sobre os jogos de linguagem e atos linguísticos.

Para o Aquinate (cf. 2011a, p. 331) uma das consequências da relação entre o verbo e a dimensão prática – ou como ele mesmo denomina mover os “outros a agir e ordenamos que se execute o que com a mente concebemos” (2011a, p. 377) – é que o verbo torna-se um elemento de unidade entre o real, o que existe dentro da realidade, e as ideias que estão no intelecto humano e a vontade humana. Como ele salienta o “verbo manifesta não só aquilo que está no intelecto, mas também o que está na vontade” (2011a, p. 343).

Todavia, em Tomás de Aquino (cf. 2011a, p. 331) a essência não pode ser chamada de verbo. Ele adota a diferença aristotélica entre a essência e o objeto. Apesar de estarem próximos não são a mesma coisa. A essência é sempre algo que pode ser apenas pensado, que diz o que é o objeto sem precisar reproduzi-lo. O tipo de discussão filosófica que o Aquinate realiza nas *Questão disputada sobre o verbo*, como ele deixa claro desde o início do texto, pressupõe a presença de Deus por meio da triplice manifestação de Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Isso explica porque ele distingue a essência, identificada com Deus, e o verbo. Enquanto palavra, nome, o verbo não é Deus. Além disso, o verbo não pode ser identificado com qualquer outro objeto ou criatura existente na realidade. O verbo é uma forma de

presentificação do objeto ou criatura, mas nunca sua materialização ou reprodução. Quando se diz, se pronuncia, um verbo está se trazendo para o Ser o objeto ou criatura, mas não está se reproduzindo suas características físicas e materiais.

É por causa disso que ele (cf. 2011a, p. 345) considera que o verbo, em si, não é uma individualidade material. O verbo é um ente linguístico com funções dentro do sistema frasal e de comunicação humana. Entretanto, o verbo não tem vida em si, ele não anda nas ruas com suas próprias pernas. O verbo está ligado ao ser humano. Depende do ser humano. É o homem que cria o verbo, que dá seus significados e demais atribuições inter e extra-gramaticais.

Por causa disso ele faz uma rigorosa distinção entre o *dizer no ser humano* e o *dizer em Deus*. Para ele o dizer no ser humano “não significa só entender, mas entender com o exprimir algum conceito a partir de si mesmo. E só podemos [nós seres humanos] entender exprimindo um tal conceito. Por isso, em nós, todo entender é propriamente um dizer” (2011a, p. 333). Para ele, devido a imperfeição da natureza humana, o dizer no ser humano só é possível por meio entendimento. O homem, ao contrário de Deus, não pode dizer de forma perfeita, sem fazer uso de palavras.

Já o dizer em Deus “pode entender sem que nenhuma coisa proceda realmente dele, pois nele se identificam o cognoscente, a coisa conhecida e o conhecer” (2011a, p. 333). Pelo fato de Deus ser mais que perfeito, da qual nenhuma criatura sequer se aproxima, é que Ele consegue, ao mesmo tempo, conhecer, ser o objeto a ser conhecido e expressar o conhecimento. Só em Deus é possível isso acontecer.

Tomás (cf. 2011a, p. 344) ainda discorre sobre o uso da palavra *verbo* para designar Deus. Segundo ele, sendo Deus perfeito e estando totalmente fora da realidade humana, nenhuma palavra, incluindo a palavra *verbo*, pode realmente descrever ou falar, com alguma precisão, sobre Deus. Esse é um tema que Tomás de Aquino debate desde a Questão n. 13 da *Suma Teológica* (AQUINO, 2011b), que trata dos nomes divinos.

Para Tomás de Aquino, na Questão 13 da *Suma Teológica*, (a. 9, r. 1), qualquer nome que seja dado a um ser individual não pode significar a plenitude desse ser. Por exemplo, um nome como *Pedro* ou *João* não pode significar toda a rica personalidade e a essência de um indivíduo. Em síntese, trata-se de um nome de reconhecimento, de figuração, de semelhança e de comparação, mas nunca reproduz a essência do indivíduo. Quando se nomeia, por exemplo, *Pedro* ou *João*, ao mesmo tempo, está sendo realizado um reconhecimento de um individual, se apontando para sua figura e apresentando semelhanças e comparações com outros individuais, mas nunca está significando, de forma plena e absoluta, sua essência.

A essência de um individual não se resume ao nome, a palavra. Se o nome tivesse o poder de resumir e significar totalmente a essência de um individual, não haveria separação entre nome e objeto. Pelo contrário, haveria uma radical união entre ambos. Quando um nome fosse pronunciado automaticamente o objeto se faria presente.

Por isso, Tomás de Aquino afirma, na Questão 13 da *Suma Teológica*, que apesar do nome *Deus* não significar a multiplicidade existente na natureza divina, é um nome que deve ser utilizado “segundo a opinião” (ST, q. 13, a. 9, r. 1), ou seja, a palavra *Deus* foi e deve continuar sendo utilizada para representar o ser divino. É uma palavra que goza de amplo prestígio social, que está presente nas diversas culturas, na *Bíblia*, no magistério e na liturgia da Igreja. É uma palavra que não diz o que o ser divino é em si, mas, de um lado, comunica aos demais indivíduos toda a carga semântica que se deseja apresentar sobre o ser divino, e, do outro lado, possibilita que o homem rompa o isolamento, a insegurança e o vazio diante desse ser. Diante do ser

divino o homem é o nada. No entanto, a palavra *Deus*, ao ser pronunciada em um momento de intimidade com o ser criador, como, por exemplo, em uma oração, permite que o homem temporariamente deixe de ser o nada e passe a ser elevado a nobre categoria de “filho de Deus” (I João 3, 2). É uma palavra que rompe o isolamento do homem diante do criador. Ela é uma possibilidade de comunicação entre o homem e o ser divino.

A reflexão que Tomás de Aquino realiza na Questão 13 da *Suma Teológica* é transposta para a problemática do verbo. É claro que a palavra *verbo* não é ou representa em si mesmo a divindade. Trata-se apenas de uma palavra. No entanto, é uma palavra que, da forma como é encontrada no Prólogo do Evangelho de São João, possibilita uma profunda reflexão teológico-filosófica sobre Deus.

É por causa dessa reflexão que o Aquinate (cf. 2011a, p. 347) vai indicar que o verbo é uma forma de conhecimento da revelação de Deus ao mundo, uma revelação que se deu, na tradição cristã, por meio do Deus-Filho e é completada pelo Deus-Espírito Santo. Sendo que as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) formam uma única e só pessoa, ou seja, Deus.

Tomás termina enveredando pela dimensão ética da linguagem. Para ele (cf. 2011a, p. 381) nenhuma atividade que o ser humano realiza é o Ser. O Ser está sempre além das atividades humanas. A linguagem não é apenas uma manifestação humana visando a resolver problemas cotidianos ou a efetivação da vida empírica. O Aquinate não nega a dimensão cotidiana e de efetivação da vida empírica da linguagem, mas, para ele, a linguagem tem a missão de conduzir o ser humano para além do meramente transitório, do meramente mortal e passageiro. Ela deve conduzir o homem para as dimensões mais elevadas do Ser, onde estão contidos os níveis mais plenos da dignidade e, por isso, é possível se encontrar com Deus. Nesse contexto o verbo emerge como uma possibilidade de haver uma relação entre o homem e Deus.

Por fim, afirma-se que, já no século XIII, Tomás de Aquino realizou uma reflexão sofisticada ao demonstrar as múltiplas manifestações do verbo. Para ele o verbo não é apenas uma estrutura interna do sistema frasal, mas está ligado a relação homem-Deus e com a dimensão ética da linguagem.

Referências

- ABRAÇADO, Jussara. O princípio da adjacência e o grau de integração entre verbo e objeto. In: *Delta*, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada; v. 17, n. 2, p. 323-336, 2001.
- AQUINO, Tomás. Questão disputada sobre o verbo. Tradução Luiz Jean Laund. In: _____. *Verdade e conhecimento*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- _____. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2011b.
- ARANHA, Solange. Além dos movimentos retóricos: os tipos de verbo como ferramenta de análise. In: *Intercâmbio*, v. 14, 2005, p. 20-30.
- AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 41, n. 1, p. 49-74, março, 2006.
- BÍBLIA. Versão Jerusalém. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLANCHE, F. A. O vocabulário da argumentação e a estrutura do artigo nas obras de Santo Tomás. In: *Scintila*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 13-38, jul./dez. 2011.
- BRASA DÍEZ, M. Tomás de Aquino y el análisis lingüística. In: *Studium*, n. 16, 1976.
- LAUAND, Luiz Jean. Nota introdutória à questão disputada sobre o verbo. In: AQUINO, Tomás. *Verdade e conhecimento*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- ROIG GIRONELLA, J. La filosofía del lenguaje y la filosofía aristotélica de Tomás de Aquino. In: *Pensamento*, n. 28, 1972.

Recebido para publicação em 02-07-12; aceito em 11-08-12